

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RENATA CRISTINA PAULINO BARBOSA

De um ponto de vista feminista: críticas e análises do jornal Mulherio à representação das mulheres na mídia impressa e televisionada (jan. 1985 – mai. 1988).

São Paulo
2013

RENATA CRISTINA PAULINO BARBOSA

De um ponto de vista feminista: críticas e análises do jornal Mulherio à representação das mulheres na mídia impressa e televisionada (jan. 1985 – mai. 1988).

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade de artigo para obtenção do título de Especialista em História, sob orientação do Professor Doutor Josias Abdalla Duarte.

São Paulo
2013

Sumário

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Introdução	6
Momentos do movimento feminista no Brasil	7
O feminismo local e a imprensa a alternativa	9
Mulherio sim, mas sem histeria.....	12
Entre as páginas (digitalizadas) do jornal Mulherio.....	13
Onde não há vítimas, nem heroínas	15
Considerações finais.....	20
Referencias bibliográficas	22
Apêndice - quadro de análise do jornal Mulherio	26

Agradecimentos

Ao concluir este trabalho, agradeço sinceramente a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para sua efetivação.

Em especial, agradeço ao meu pai, Pedro, pela dedicação e amor votados a mim desde sempre. Agradeço à minha falecida mãe, Dalva, cujas memórias são responsáveis por me inspirar a dar continuidade à minha formação e nas quais me espelho como exemplo de perseverança e sabedoria. Também à minha irmã, Yasmin, pelo carinho incondicional, palavras e ações de amor e amizade.

Ao meu amado, Fernando, pelo companheirismo, paciência e compreensão; por me ensinar muito e me fazer feliz.

Às minhas queridas amigas, Rariane, Vanessa, Fernanda e Luana, por acreditarem em mim e me ajudarem a manter aceso o ânimo e autoestima para seguir esta jornada.

À professora, Lilian Grisolio pelo incentivo em me fazer seguir esta pós-graduação e pelas dedicadas horas de auxílio.

E por fim, agradeço ao meu orientador professor Josias Abdalla Duarte, por ter se comprometido à tarefa de me orientar para a elaboração deste TCC, diante de tantos percalços, em tudo que solicitei e sempre fui atendida.

Obrigada a todos pelo conhecimento compartilhado, pelo carinho, pelos momentos de alegria e, sobretudo pela dedicação dia após dia.

Resumo

Durante as décadas de 1970 e 1980, o feminismo viveu um momento renovador no Brasil, que ampliou sua atuação por meio da organização de grupos de discussão e de intensa produção teórica. O jornal feminista *Mulherio*, inserido em dado contexto, declarou-se parte de uma forma alternativa de imprensa, que destacava o envolvimento com o trato de questões políticas e sociais (especialmente relativas às mulheres) sob um ponto de vista engajado e comprometido. Em suas páginas, encontramos a valorização das especificidades do gênero e subjetividade como forma de luta para a emancipação feminina, por meio de uma abordagem específica: a publicação de resenhas e críticas sobre programas de televisão, filmes, livros, além de recortes de matérias veiculadas pela grande imprensa. Neste artigo, buscamos analisar a forma como o *Mulherio* se coloca frente aos debates provocados por essas outras produções e investigar quais são os conceitos debatidos nessas críticas e, da mesma forma, compreender o posicionamento do jornal frente a tais problemáticas. Vinte edições foram selecionadas, para o levantamento das matérias, notas e colunas, que trouxeram este olhar feminista. Permeados por temas como preconceito, imagens femininas estereotipadas, machismo, violência e sexualidade; recortes de revistas e jornais como *Playboy*, *Zero Hora*, *Jornal Nacional* e *Correio do Povo* garantiram ao *Mulherio* matérias densas, nas quais as críticas foram além do embate teórico dos problemas trazidos pelo pensamento patriarcal intrínseco à grande mídia.

Palavras-chave: feminismo, imprensa feminista alternativa, jornal *Mulherio*, representação feminina.

Abstract

During the 1970s and 1980s, feminism experienced a refreshing moment in Brazil, which expanded its operations by organizing discussion groups and intense theoretical production. The feminist newspaper *Mulherio*, inserted at this given context, was declared part of an alternative form of media, which highlighted its involvement with political and social issues (especially related to women) under a viewpoint engaged and committed. In its pages we find the value of the specificities of gender and subjectivity as a form of struggle for women's emancipation, through a specific approach: the publication of reviews and criticism to television programs, films, books, and clippings of articles published by the press. In this paper, we analyze how the *Mulherio* stands opposite the debates provoked by these other productions and investigate what are the concepts discussed in these criticisms and, in the same way, to understand the positioning of the newspaper against such problems. Twenty editions were selected for the survey of the material, footnotes and columns, which brought this feminist point of view. Permeated by themes such as prejudice, stereotypical female images, machismo, violence and sexuality; clippings from magazines and newspapers such as Playboy, Zero Hora, Jornal Nacional and Correio do Povo assured the *Mulherio* dense materials in which the criticisms were beyond the clash of theoretical problems brought by patriarchal thinking intrinsic to mainstream media.

Keywords: feminism, feminist alternative press, newspaper *Mulherio*, female representation.

Introdução

Frente as mais diversas e, por vezes, conflituosas formas de entendimento da história e ideias do movimento feminista sabemos que se trata de uma realidade histórica as transformações que estas lutas trouxeram à condição social das mulheres¹; emancipando-as da restrição à atuação no espaço privado, da submissão à figura paterna e da obrigatoriedade do cumprimento dos papéis de mães e esposas. Não obstante aos marcos simbólicos delimitados na historiografia contemporânea, temos como premissa que atuação de mulheres, ao longo da história, na resistência e defesa de direitos políticos e sociais se deu em diversos momentos, e sabemos que o movimento feminista, em toda sua heterogeneidade, passou por momentos de forte e destacada atuação e momentos de ostracismo, cujas ações passam por certa retração. Dessa forma, se faz importante pontuarmos que nos trabalhos de alguns pesquisadores e pesquisadoras há a adoção, como conceito que descreve esta movimentação oscilante, do termo “a(s) onda(s)” do movimento feminista – a exemplo dessas pesquisadoras: Cynthia Andersen Sarti e Céli Regina Jardim Pinto –, nomenclatura esta não adotada nesta pesquisa.

De forma bastante concisa, aquele que é considerado o primeiro grande movimento pela transformação do papel da mulher na sociedade originou-se nos países europeus, sobretudo na França, no século XVIII, e apresentou-se gradualmente mais organizado e estruturado nos séculos seguintes – XIX e XX –, espalhando-se ainda mais pela Europa e estendendo-se aos Estados Unidos e Brasil. Evidenciado por seu caráter sufragista, o movimento feminista nestes anos tratou de defender a emancipação feminina, o direito à propriedade privada, a igualdade civil, o direito a associação política, ao voto, igualdades educacionais e trabalhistas. No Brasil, se deram conquistas importantes – como o direito a associação política, a elegibilidade e ao voto – e demarcaram-se mudanças sociais, sobretudo para as mulheres das classes médias e altas envolvidas diretamente com a vinda do movimento para o país².

Nos estudos a respeito do movimento feminista destaca-se o período entre os anos finais das décadas de 1930 e 1950 nos quais fica demonstrada uma retração de sua atuação. Apesar desta constatação, este intervalo de tempo não pode ser caracterizado pela inexistência de reuniões e debates pela defesa do pensamento feminista, mas sim por uma diminuição de sua visibilidade política. Poderíamos assim afirmar, em concordância com a pesquisadora Céli

¹ SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*. Florianópolis. Ano 12, v.2, n. 264. Mai-Ago 2004. p.35

² PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 10.

Regina Jardim Pinto, que esse momento histórico refletiu uma paralisação da sociedade civil como um todo; no mundo por decorrência da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), e no Brasil os reflexos da guerra somados ao governo autoritário de Getúlio Vargas (1937-1945) ³.

Opondo-se a este período de incertezas e contração do feminismo, os anos que se seguiram após a 2ª Guerra Mundial, durante as décadas de 1960 e 1970, configuram uma conjuntura propícia, em meio a qual, na Europa e nos Estados Unidos eclodem intensas movimentações sociais, que por sua vez acompanham uma retomada do movimento feminista. A respeito desse ressurgimento as pesquisadoras, Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy, na primeira edição do livro *O que é Feminismo*, explicam que:

O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais. ⁴

As autoras tornam nítido que ocorreu a reestruturação do movimento feminista, em conjunto a um estabelecimento de outros movimentos de minorias, que de forma autônoma se complementavam, em favor da transformação de uma sociedade que carregava no bojo de suas contradições, não apenas desigualdades econômicas, mas também relações de opressão estabelecidas culturalmente.

Momentos do movimento feminista no Brasil

No Brasil, as experiências europeias e estadunidenses foram somadas à retomada do feminismo nos anos finais da década de 1960 aqui, entretanto, o movimento foi fortemente marcado por sua postura de contestação à ordem, principalmente às ordens do governo militar ditatorial instituído, em 1º de abril de 1964⁵, por meio de um golpe de Estado. Este, orquestrado por uma bem articulada parceria entre a elite social (formada por empresários dos mais diversos ramos, latifundiários, políticos e integrantes da classe média) e as Forças Armadas (Exército, Marinha e Força Aérea). Durante 21 anos (1964-1985), presidentes

³ PINTO, op. cit., p. 28.

⁴ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.7.

⁵ SARTI, op. cit., p.36

militares se revezaram no poder e ditatorialmente governaram por meio de decretos de Atos Institucionais e Leis de Segurança Nacional. Estas medidas declararam combate à ameaça do estabelecimento de um governo de esquerda no Brasil e oficializaram o controle e a repressão de quaisquer reivindicações pela retomada de um regime de governo democrático ou ainda, movimentações que subvertessem a ordem defendida por sua perspectiva conservadora.

Ainda neste contexto, na década de 1970, o movimento feminista no Brasil ganhou força ao se aproximar do denominado “movimento de mulheres” – este existiu paralelamente ao feminismo, mas suas reivindicações e formas de atuação os posicionavam, até o momento, em sentido contrário⁶. Faz-se importante destacar que, embora diferentemente das feministas, estes movimentos as mulheres não reivindicaram a mudança dos papéis atribuídos ao gênero feminino na sociedade, mas projetou positivamente a participação pública de mulheres em manifestações contra carestia do custo de vida, a favor da anistia de presos políticos e na formação de grupos de mães. Nesta medida, organizações feministas também ganharam força no Brasil por meio de alianças firmadas com grupos de esquerda e com setores da Igreja Católica, focos importantes de oposição e resistência ao regime militar⁷.

No artigo “As Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil”, a professora Ana Maria Colling destaca que, nestes primeiros anos de reestruturação do feminismo no Brasil, as militantes brasileiras evitavam se declararem como feministas, pois se preocupavam com a conotação antifeminina e pejorativa do termo. Estes sinônimos foram atribuídos ao feminismo sob o olhar dos agentes e favoráveis ao governo militar, por (elas) estarem aliadas aos grupos de esquerda subversivos; e atribuídos também, frente aos grupos de resistência à ditadura, pois acabaram por ser entendidas como defensoras de uma luta menor. Destarte, a autora explica que aos olhos da repressão a mulher “(...) militante política é encarada como um ser ‘desviante’, não uma mulher verdadeira.”, pertencente a um movimento imoral que “(...) subvertia os valores estabelecidos”⁸; entre os militantes da esquerda tradicional a preocupação estava na luta pela democracia e contra a ditadura, e especialmente a luta do proletariado contra a burguesia, assim, o feminismo se manteve associado a uma preocupação secundária⁹.

Essa imagem da luta feminista paulatinamente passou por transformações,

⁶ PINTO, op. cit., p. 43.

⁷ SARTI, op. cit., p.39

⁸ COLLING, Ana Maria. As Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. 2004. p. 8. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf Acesso em: 22 Abr. 2012.

⁹ Ibid. p. 7

especialmente a partir de 1975, ano em que o movimento feminista ficou marcado, ao ter sido oficializado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Ano Internacional da Mulher e o primeiro da Década da Mulher. Neste mesmo ano, foi fundado o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira – que tinha como proposta o estímulo à pesquisa sobre a situação da mulher no Brasil –, no Rio de Janeiro na sede da Associação da Imprensa Brasileira foi realizado o encontro “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira” e em São Paulo o “Encontro para diagnóstico da mulher paulistana”¹⁰.

Prontamente setores do movimento feminista se institucionalizaram, com o apoio dos governos federal e estadual foram fundados Conselhos Nacionais e Estaduais sobre a condição da mulher. Tais conselhos acabaram por promover uma aproximação entre o movimento e o universo acadêmico; dessa forma, o considerável aumento no número de núcleos de pesquisa, formados por estudantes interessadas em temas relacionados à história e condição social da mulher, promoveu a produção de artigos, dissertações, teses, revistas e jornais¹¹.

A pesquisadora Eliza Bachega Casadei, identificou que na década seguinte (1980) duas tendências do feminismo se destacaram, em meio a diferentes reivindicações e formas de atuação política: uma delas, ainda muito ligada aos grupos de esquerda, se mostrava preocupada especialmente com a atuação pública das mulheres, voltava-se a questões de igualdade, contra injustiças socioeconômicas, em defesa da organização política e dos direitos civis; a outra corrente procurava se separar de um posicionamento político restrito, se revelava preocupada com a identidade das mulheres, com as relações interpessoais e de gênero¹², se debruçava sobre questões subjetivas e relativas ao mundo privado¹³.

O feminismo local e a imprensa a alternativa

A corrente do feminismo mais preocupada com a atuação política das mulheres teve sua pauta de reivindicações refletidas nas publicações da imprensa feminista brasileira, desta

¹⁰ PINTO, op. cit., p. 57.

¹¹ Ibid., p.70-85.

¹² De forma muito sintética, entendemos as relações de gênero como as relações construídas histórica e culturalmente entre homens e mulheres articuladas à noção de poder e hierarquia.

¹³ CASADEI, Eliza Bachega. As questões de redistribuição e reconhecimento na imprensa feminista alternativa: o caso Mulherio. Revista ALTERJOR. (ECA-USP). Ano 01, v.1, ed. 00. Ago/Dez 2009. p.7. Disponível em http://www.usp.br/alterjor/Casadei_mulherio.pdf. Acesso em: 20 Out. 2011

fase do movimento: a revista *Brasil Mulher* publicada entre 1975 e 1980, e o jornal *Nós Mulheres* editado entre 1976 e 1978 – ambas as produções realizadas por coletivos de mulheres bastante vinculados a movimentos de esquerda, preocupados principalmente com a luta contra a ditadura militar e com demandas por igualdade social entre homens e mulheres¹⁴.

Estas publicações feministas das décadas de 1970 e 1980 – a revista *Brasil Mulher*, o jornal *Nós Mulheres* e, já podemos considerar aqui, o jornal *Mulherio* – pertenciam a um conjunto de publicações (boletins, revistas, jornais) que formavam uma alternativa de mídia frente à grande imprensa. Essa vertente jornalística que ficou conhecida como “imprensa alternativa” já possuía uma longa trajetória na construção de uma postura crítica e diferenciada dos principais jornais – iniciada em 1808, com a publicação do “Correio Braziliense”, contrário à Coroa portuguesa; fortalecida em meados do século XX, com o estilo informal e provocador do “Última Hora”, de Samuel Wainer; e consolidada como veículo de contestação ao autoritarismo, a partir do golpe de 1964, quando recebeu o epíteto de “imprensa nânica”. O caráter controlador da ditadura militar incitou o surgimento de inúmeras publicações alternativas à chamada grande imprensa, esta última ligada geralmente ao capital financeiro e às elites econômicas do país.

O jornal *Mulherio*, por sua vez, nasceu em 1981, ancorado no Departamento de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas de São Paulo e em pesquisas nas áreas de ciências humanas e educação de universidades renomadas. Em seu corpo editorial estavam pesquisadoras, professoras e jornalistas, dentre elas Adélia Borges, Mariza Corrêa, Fúlvia Rosemberg e Heleieth Saffioti, dedicadas à sistematização profissional de informações ligadas à temática feminista e estudos sobre a condição da mulher no Brasil, inicialmente com os subsídios da Fundação Carlos Chagas e da Fundação Ford¹⁵.

Ao longo dos oito anos em que foi publicado (1981-1988) o cenário político brasileiro passou por transformações marcantes. Sob uma perspectiva política, este foi um período caracterizado por uma distensão gradual dos governos militares autoritários (que havia começado em finais da década de 1970), no qual após um lento processo de redemocratização as preocupações políticas se voltaram à retomada das eleições diretas e à promulgação de uma nova Constituição Federal. Para a história do feminismo, a já promulgada Lei de Anistia aos presos e exilados políticos deu impulso à vinda para o Brasil de influências do movimento

¹⁴ Ibid., p. 10-12.

¹⁵ Conteúdos especiais – *Mulherio*. In: Portal Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/index.html>. Acesso em: 06 out. 2011

feminista atuante, sobretudo na Europa. As experiências de militantes anistiadas que retornaram, se uniram às experiências de militantes que permaneceram no país e, dessa forma, contribuíram para o que Sarti chama de um “feminismo local”, um feminismo próprio do Brasil¹⁶.

O jornal *Mulherio* teve sua edição número zero publicada em um contexto no qual as outras representativas publicações alternativas feministas já haviam deixado de ser publicadas e acabou por se diferenciar destas, como aponta Casadei, por sua proeminência de pautas relacionadas à valorização das especificidades do gênero e à subjetividade como forma de luta para a emancipação feminina, “defendia uma valorização de uma imagem identitária bastante específica de feminilidade: identidade essa que se contrapunha frontalmente àquela veiculada pelas mídias tradicionais destinadas às mulheres e produzida pelos grandes conglomerados midiáticos”¹⁷.

Em vários números de suas edições na página em que anuncia a venda de assinaturas do jornal seus editores destacam a proposta deste periódico em ser entendido como parte da imprensa alternativa do período. Faz-se importante ressaltarmos que ainda que o *Mulherio* tenha sido durante anos, respaldado financeiramente por duas instituições de grande porte¹⁸, o entendemos entre os periódicos alternativos, por ser identificado como tal por seu próprio corpo editorial – seu formato de impressão, tiragem e pontos de venda, não foram, neste momento, apropriados como medida para esta nomenclatura – a exemplo disso, temos um recorte da edição número 31 de 1987:

Lançado em março de 81, *Mulherio* é um dos raros veículos da Imprensa Alternativa que sobrevive ainda hoje, mantendo a polêmica dos fatos através da perspectiva feminista, discutindo das novas teorias científicas à sexualidade, da ecologia ao trabalho doméstico. (...) Divulgar esse tipo de publicação é ampliar a conscientização e fixar a imagem das mulheres reais, invisíveis na grande imprensa.¹⁹

Em fins do período ditatorial a grande imprensa, cuja alguma das publicações também se voltaram ao público feminino, se submeteu consideravelmente à censura. Suas edições que preferencialmente trouxeram discussões superficiais e alheias ao ambiente político

¹⁶ SARTI, op. cit., p.41-42

¹⁷ CASADEI, op. cit., p.12-13.

¹⁸ As já citadas: Fundação Carlos Chagas e Fundação Ford.

¹⁹ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 31, p. 6, ago. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

demonstravam uma preocupação com a manutenção do lucro obtido pela venda de suas publicações²⁰. Assim, declarar-se parte de uma forma alternativa de imprensa destacava um envolvimento com o trato de questões políticas e sociais (especialmente relativas às mulheres) sob um ponto de vista engajado e comprometido.

Mulherio sim, mas sem histeria.

Ao considerarmos o próprio nome do periódico, *Mulherio*, como ponto de partida percebemos que este é um retrato de sua proposta de valorização de uma imagem com que as mulheres pudessem se identificar²¹, sendo escolhido para superar o “(...) sentido pejorativo, associada a histerismo, gritaria, chatice, fofocagem (sic) ou, então, ‘gostosura’” e seu editorial ainda declara:

Sim, nós vamos nos assumir como o Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada sizuda (sic) ou dogmática.²²

Nesta mesma publicação, de número zero, em apenas quatro páginas, Adélia Borges apresenta as ideias que vão permear as publicações futuras do jornal, destacando-se sempre a mulher, por meio de reportagens, seções dedicadas a pesquisas, divulgação das atividades de grupos de reflexão feministas (e femininos) e culturalmente propõe a acompanhar “(...) com resenhas e críticas o lançamento de livros, filmes, programas de televisão e peças de teatro.”²³

As 41 edições do jornal Mulherio passaram por três fases: a primeira delas entre 1981 e 1983 em que publicaram os 15 primeiros números com o apoio das Fundações Carlos Chagas e Ford; a segunda fase do jornal durante os anos de 1983 e 1988, já sem o apoio da Fundação Carlos Chagas editaram mais 24 números e a última fase (ainda em 1988) em que perderam também o apoio da Fundação Ford. Sem outras fontes de manutenção mudaram seu nome para *Nexo, Feminismo, Informação e Cultura*, produziram mais dois números (em

²⁰ TAMIÃO, J. S. Escritas Feministas: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988). 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. p 13-16. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=161517. Acesso em: 30 set. 2011

²¹ CASADEI, loc. Cit.

²² MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 0, p. 1, mar./abr. 1981. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

²³ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 0, p. 1, mar./abr. 1981. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

junho e julho de 1988) e, após estes, não foram mais publicados²⁴.

Entre as páginas (digitalizadas) do jornal Mulherio

Devemos destacar que este trabalho de pesquisa contou com a possibilidade de analisarmos a fonte em formato digital. O jornal *Mulherio* disponibilizado para consulta no arquivo físico da Fundação Carlos Chagas (FCC) na Biblioteca Ana Maria Poppovic, mais recentemente, foi publicado na internet para consulta virtual, na íntegra, no site da FCC no endereço: <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>²⁵ – destacamos, também, que a fundação, entre 1981 e 1983, foi responsável pelo financiamento dos primeiros números do jornal, atualmente detém a salvaguarda dos periódicos em seu acervo.

As publicações do jornal feminista *Mulherio* trazem consigo reflexões de um período de distensão dos governos ditatoriais e de redemocratização política; o feminismo vivia um novo momento no Brasil e no mundo, que ampliou sua atuação por meio da organização de grupos de discussão e de intensa produção teórica. Frente a demandas por igualdade e identidade estes novos debates esclareceram que “A questão de gênero perpassa a questão social e a questão política.”²⁶ e que neste momento “o privado é político”²⁷, dessa forma o movimento feminista esteve a favor de questões cujos problemas têm origem tanto nas desigualdades socioeconômicas, quanto na estrutura cultural.

Ao entrarmos em contato com o jornal vemos que este tratou de aspectos vinculados ao ambiente político e a condição socioeconômica da mulher brasileira; permeado por uma nítida preocupação com o projeto de uma nova constituinte (a favor da reformulação de diversas leis, que fazem parte diretamente do universo feminino) e com as condições da mulher no mercado de trabalho (sejam no meio urbano ou rural, nas mais diversas atividades). Também se tornou evidente a publicação de colunas que reforçam o entendimento da história do feminismo e que trazem experiências biográficas de mulheres que foram fortemente ativas em outros momentos do movimento. Em conjunto a toda essa riqueza, o jornal foi fonte de registro de discussões importantes (e atuais) como a questão do aborto, violência contra a

²⁴ Portal Fundação Carlos Chagas <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/index.html>. Acesso em: 06 out. 2011

²⁵ Acesso em 07 de maio de 2012.

²⁶ COLLING, op. cit., p. 8-9.

²⁷ PEDRO, Joana Maria. "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica". *História*, São Paulo: Unesp, v. 24, n. 1, p. 77, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2012

mulher, sexualidade e direitos trabalhistas.

Com relação ao formato deste periódico, podemos dizer que o *Mulherio* era impresso em cerca de 20 e 24 páginas (em média); as capas, em geral, traziam uma manchete principal acompanhada de imagens (fotografia, ilustração ou até mesmo, montagens compostas por ambos). A primeira seção “De dentro Pra fora” apresentava um breve editorial, seguido da transcrição das cartas das leitoras, listagem dos pontos de venda do jornal e a ficha técnica dos produtores responsáveis. Entre as outras seções recorrentes, nas edições analisadas, temos: Debate, Comportamento, Crônica, Campanha, Educação, Internacional, Em movimento, Esporte, Cinema e Tevê.

Sendo uma das propostas mais específicas do *Mulherio* a publicação de resenhas e críticas sobre programas de televisão, filmes, livros, além de recortes de matérias da grande imprensa²⁸, buscamos aqui, analisar a forma como o *Mulherio* se coloca frente aos debates provocados por essas outras produções e investigar quais são os conceitos debatidos nessas críticas e, da mesma forma, compreender o posicionamento do jornal frente a tais problemáticas. Vinte edições foram selecionadas, para um levantamento das matérias, notas e colunas, que trouxeram o olhar do jornal sobre recortes de outros impressos e produções televisão. Em meio a estas, um novo recorte foi proposto para colocarmos em foco, neste artigo.

Entre os questionamentos que se colocaram frente a esse processo de seleção e análise, estão: como o jornal *Mulherio* construiu seu discurso crítico frente aos recortes selecionados para serem debatidos? Qual a forma como o jornal fez seus apontamentos? Seria de forma humorística, de denuncia, dando ênfase a um apelo emocional, de forma combativa chamando atenção para necessidade de uma continuidade das lutas feministas, ou ainda, explorando um posicionamento mais objetivo (entre prós e contras); de outra forma, como poderíamos caracterizar, o modo como se apresenta esse ponto de vista feminista?

Em suma, buscaremos aqui destrinchar este olhar do jornal *Mulherio* (reflexões, análises, críticas) quando este se voltou para outras produções da grande imprensa e mídia televisionada, estabelecer paralelos com sua proposta editorial e, evidentemente, com seu momento histórico.

²⁸ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 0, p. 1, mar./abr. 1981. <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

Onde não há vítimas, nem heroínas

Nas páginas do jornal *Mulherio*, além das críticas aos livros destinados o público feminino, das análises de novelas e, sobretudo de personagens femininos nestas produções televisionadas (cujo público-alvo também era as mulheres), o jornal apresentou reflexões e desconstruções importantes, da imagem de mulheres construídas (por) e destinadas aos homens. Permeados por temas como preconceito, imagens femininas estereotipadas, machismo, violência e sexualidade; recortes de revistas e jornais como *Playboy*, *Zero Hora*, *Jornal Nacional* e *Correio do Povo* garantiram ao *Mulherio* matérias densas, nas quais as críticas foram além do embate teórico dos problemas trazidos pelo pensamento patriarcal intrínseco à grande mídia.

Na edição trimestral de número 20, janeiro à março, de 1985 o destaque na capa do *Mulherio* anuncia: “A Playboy ainda voa nas asas da PanAir”, nesta mesma capa uma fotografia ilustra dez sorridentes aeromoças que caminham ao sair de um avião da PanAm²⁹; a matéria da capa segue presente nas páginas 4 e 5 do jornal, junto à uma fotografia de uma aeromoça maquiando-se sentada em uma das turbinas de um avião e, ao lado, um trecho da música “Aeromoça” de Billy Blanco, o intitulo é: “Unidas no ar”.

Esta composição era parte de uma introdução à matéria que criticou uma das publicações específicas da Revista *Playboy*, que, segundo o *Mulherio*, apresentava uma relação de casos em que os passageiros obtiveram “sucesso” ao assediar comissárias de bordo e, por consequência apresentava dicas, aos homens, de como obter esse mesmo êxito em suas abordagens. Um trecho do parágrafo que abre a matéria no jornal diz:

Deram o que falar! A imprensa diária, a televisão falaram que falaram das aeromoças. Aliás, não é bem assim. Elas é que falaram nos jornais, em programas de televisão e de rádio. (...) Agora fica até difícil a gente falar

²⁹ A Nyrba do Brasil S.A. foi uma das primeiras companhias aéreas brasileiras, criada em 1929 como subsidiária da empresa norte-americana, a NYRBA (New York-Rio-Buenos Aires). Em 1930, foi incorporada pela Pan Am e teve seu nome modificado para Panair do Brasil S.A., em referência à empresa controladora (Pan American World Airways). A Pan American World Airways, mais conhecida como Pan Am, foi a principal companhia aérea estadunidense da década de 1930 até ter entrado em colapso na década de 1990. Cf.: Pan American World Airways. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pan_American_World_Airways. Acesso em 14 de mar. 2013

Panair do Brasil. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Panair_do_Brasil. Acesso em 14 de mar. 2013

assim: ‘coitadas das aeromoças, que maldade fizeram com elas.’³⁰

Por meio deste trecho, primeiro parágrafo da matéria, os autores deixaram claro que esta crítica à matéria publicada pela *Playboy* (no mês de dezembro do ano anterior) com dicas (literalmente) de como assediar uma aeromoça, não se tratou de uma exclusividade do *Mulherio*; a resposta da categoria de comissárias de bordo à matéria da revista masculina se espalhou por toda imprensa (impressa e televisionada da época); entretanto, também nos faz entender que a abordagem proposta para este recorte seria outra, diferente daquela já vista na grande imprensa.

No *Mulherio*, as autoras Ethel Leon, Ana Figueiredo, Avani Buzzo e Ruth Martins, elaboraram questões de um ponto de vista diferente do que a grande imprensa havia proposto até o momento, retratando essas mulheres aeronautas como vítimas do olhar “neo-machista” da revista dedicada a público masculino. O *Box* intitulado “Palco entre as nuvens” e a segunda página da matéria, em “Mitos batem as asas”, foram dedicados às entrevistas com mulheres e homens profissionais da área³¹ que, de forma clara, destacaram as comissárias de bordo, não no papel passivo estabelecidos na visão da revista *Playboy* ou como vítimas, mas sim as representaram como sujeitos ativos que promovem críticas que permeiam o cotidiano da profissão, em seus aspectos positivos e negativos. Segue um trecho de uma das entrevistas apresentadas:

‘O passageiro que canta aeromoça é alvo de chacota de toda tripulação’. Quem diz isso é Maria Lúcia Grabowski, aeromoça na Varig de 1970 a 1982. (...) ‘Eu curtia demais com a cara dos passageiros. É isso que na matéria da *Playboy* não convence ninguém.’ (...) ‘A realidade é que o regime de trabalho da tripulação de avião é militarizado. A disciplina é rigidíssima, não pode haver faltas, falhas’³²

Dessa forma, as entrevistas contam sobre a rotina da profissão, sobre as dificuldades para a manutenção profissional de um regime de trabalho inflexível; como aquelas mulheres encaram a máxima da dupla jornada feminina e assim, os conflitos estabelecidos entre o universo doméstico e mundo profissional (que por sua vez envolvem: sindicalização e outros

³⁰ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 20, p. 04, jan./mar. 1985. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

³¹ Foram entrevistados: João da Costa Neto (piloto), e as comissárias de bordo Ana Maria Viera Silva, Francine Renée, Maria Lúcia Grabowski.

³² MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 20, p. 04, jan./mar. 1985. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

direitos trabalhistas). Percebemos assim, que não há um processo de convencimento (do leitor) de que aquelas mulheres eram vítimas, ao contrário, as comissárias de bordo entrevistadas se apresentam como críticas à matéria da revista *Playboy*, aos insistentes assédios que têm que driblar em seu cotidiano e à própria escolha profissional.

Com a colaboração da psicanalista, Lúcia Lima, a matéria procura explicar se há algum sentido psicológico por trás das “cantadas” masculinas, mas sem estabelecer uma relação entre esse entendimento e uma justificativa plausível para a matéria da *Playboy* e para as próprias cantadas dos passageiros de avião; de outra forma, a contribuição de Lucia Lima, não pretendia dar aval à matéria, mas sim, estabelecer uma possível relação entre o comportamento, a matéria e a interpretação psicanalítica.

Aqui cabe ressaltarmos que o bom humor que permeia um dos objetivos estabelecidos no primeiro editorial do jornal se manteve evidente; toda a composição de “Unidas no Ar” estabelece de forma cômica a insistência dos homens, especialmente neste caso, dos brasileiros em assediar mulheres, como forma de sugerir superioridade e dominação.

A psicanalista em um tom espirituoso ressalta uma hipótese para os intermitentes relatos de assédio:

‘E tem também a fantasia da morte. O avião desperta uma coisa fóbica, você não pode interromper a viagem no meio, e a aeromoça é como a mulher voadora. Sua profissão é voar. Ela é a mulher que não tem medo da morte, a mulher coragem. É como se fosse uma Roberta Close dos ares: submissa, servil e corajosa.’³³

Longe de entender o encorajamento de tais atos machistas como digno de gracejos inocentes, tem-se uma matéria que ridiculariza a ironia por trás do que a *Playboy* estabeleceu como verdade e, problematicamente veiculou como regra e exemplo de comportamento. Nesta matéria, as mulheres, são desapropriadas da imagem de vítimas, para serem transformadas em agentes de uma troça, que não perde o foco para os outros problemas sociais enfrentados no cotidiano.

O tom de bom humor nítido dado à matéria que criticou a edição de dezembro de 1984 da revista *Playboy*, no entanto, não foi encontrado na edição de número 33, de outubro de 1987. Intitulada “Os estupradores que viraram heróis”, a matéria que ocupa as páginas 3 e 4 trata evidentemente da cultura machista de violência contra a mulher. O subtítulo da matéria deixa claro o objetivo das autoras da matéria – Miriam Grossi, antropóloga e professora e

³³ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 20, p. 04, jan./mar. 1985. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

Carmem Rial, jornalista, antropóloga e professora –, nele segue inscrito: “Henrique, Fernando, Eduardo e Alexi, quatro jogadores do Grêmio acusados de estupro de uma menina de 13 anos na Suíça, foram transformados pela imprensa Gaúcha em ‘heróis’, graças a uma série de deturpações dos fatos e do culto ao machismo”³⁴.

Dessa forma, o *Mulherio* demarcou sua postura frente à forma como a grande imprensa retratou o caso, à época; buscou ir além de uma descrição dos fatos ou elaborar uma matéria com o ponto de vista do jornal a respeito do caso. Nesta matéria, fica claro que o jornal delineou sua crítica aos outros veículos de comunicação, e assim sendo, à grande imprensa; questionou como o caso foi paulatinamente apresentado (e reapresentado) até claramente alterar o papel dos envolvidos, transformando a vítima em algoz e algozes em vestais, que heroicamente estavam cumprindo o papel social de reafirmação da identidade masculina ao impingir atos de violência.

O fato abordado, sobre o qual o *Mulherio* deixa claro ser inquestionavelmente considerado um crime de estupro, aconteceu em Berna (Suíça) 30 de julho de 1987; contraditoriamente, no entanto, segue impresso, canto superior direito da primeira página da matéria, uma fotografia de torcedores grêmio na recepção dos quatro jogadores envolvidos no caso; esta imagem mostra torcedores eufóricos pelo retorno, daqueles que aqui já estavam sendo considerados heróis; além desta, a matéria apresenta duas outras fotografias (uma dos próprios jogadores e outra da mãe de um deles enquanto entrevistada por um jornalista) e uma charge, que fecha a última página e evidencia o ponto de vista tragicômico de todo o desenrolar dos fatos na mídia.

Dividido em cinco seções, a matéria num primeiro momento descreve a própria recepção dada aos jogadores. Em seguida, em “Estupro, o *souvenir*”, as autoras esclarecem o ponto de vista da vítima (Sandra Pfäffi), sua denúncia à polícia, como ela descreveu os fatos, apresentaram a postura dos dirigentes do clube de futebol (que buscaram esconder o caso) até, finalmente, chegar ao papel cumprido pela grande imprensa. Esta que estabeleceu formas de omitir informações, provocar especulações e mentir para que Sandra se transformasse na própria representação da justificativa para o crime.

O *Mulherio* apontou que a favor da “metamorfose” dos personagens envolvidos estavam: Jornal Nacional (telejornal produzido e exibido pela Rede Globo de televisão brasileira), Correio do Povo (jornal impresso brasileiro pertencente à Rede Record) e o Jornal

³⁴ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 33, p. 03, out. 1987. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

Zero Hora (jornal impresso editado e publicado pela rede RBS – Rede Brasil Sul de Televisão – sendo esta, uma rede de televisão regional brasileira); todos esses representantes da grande imprensa, por seu alcance midiático e sua ampliada circulação no formato impresso.

O culto ao machismo descrito pelo *Mulherio*, no discurso desses veículos de comunicação se configurou na publicação gradual de especulações que acabaram por explicitamente questionar a validade de qualquer acusação contra os jogadores de futebol. Essas deturpações em série³⁵ foram apontadas na matéria por meio de citações extraídas de jornais impressos e televisionados; as especulações envolveram questionar a idade real da vítima – cujos 13 anos foram tratados como 14 anos incompletos, posteriormente 15 anos até que enfim a mídia a descreveu como uma adolescente – e sua postura excessivamente liberal – por supostamente já ter sido desvirginada e fazer uso de anticoncepcionais –, elementos esses descritos pelo *Mulherio* como parte de uma estratégia de atenuar a repercussão do caso. Em contrapartida, outros elementos atenuantes foram identificados e apropriados ao papel dos jogadores no caso, que levaram leitores a crer que eles foram inocentemente seduzidos e, o argumento mais fortemente destacado pelo *Mulherio*, de que o crime imputou aos jogadores a posição de defensores da virilidade do homem sul-rio-grandense. É justamente a esse heroísmo falacioso que o subtítulo da matéria faz referência, à absurda lógica de proteção à honra do homem gaúcho. Por meio deste processo de desconstrução do discurso construído pela grande imprensa, que os papéis se inverteram, entretanto podemos dizer que o *Mulherio* não propôs apenas uma reinversão dessas imagens, mas sim, novos questionamentos que permeiam toda a repercussão do caso.

Dessa forma, o *Mulherio* propõe um entendimento de que a grande mídia teve um papel significativo ao atribuir justificativas para a não acusação criminal dos envolvidos quando estes retornaram ao Brasil. Ainda que, em alguns meios de comunicação, o discurso machista tenha sido menos evidente e mais velado, a deturpação paulatina de elementos pontuais no caso os preencheram desse discurso e aproximaram a descrição dos fatos de uma obscura justificativa para o ocorrido.

É necessário ressaltarmos que ao abordar o caso os autores da matéria, seguiram, metodologicamente, em um sentido contrário ao proposto pelos veículos de comunicação da grande imprensa, pois expõem claramente que se fundamentam em depoimentos e na busca por informações e fontes verificáveis, não se baseando apenas no discurso dado pelos

³⁵ MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 33, p. 03, out. 1987. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

jogadores brasileiros e familiares; percebemos que o *Mulherio* não está apenas preocupado em estabelecer um discurso contrastante, de outra forma, a “vítima” é assim tratada por sua relação com sua versão dos fatos, elemento que não segue associado à ideia de que Sandra Pfäffi se portou integralmente como a representação de uma figura passiva; dessa forma, sua postura não é apresentada como conservadora, submissa, recatada, mas também não é questionada como parte de um comportamento que justificaria o crime.

Assim, podemos dizer que, o discurso da grande imprensa, que forma e deforma a opinião pública, foi entendido como negativo e desconstruído pelo jornal que, por sua vez, se pôs contra o culto ao machismo e à violência implícitos nas notícias publicadas por veículos midiáticos de grande circulação. Mais do que deixar claro que o estereótipo da mulher jovem, considerada liberal em suas práticas sexuais, configurava alvo de grande preconceito, o *Mulherio* enfatiza a emergência de sua influencia judicial na condução de crimes contra o gênero feminino e no próprio linchamento moral público levado a cabo pela sociedade.

Considerações finais

Nesta breve análise, do jornal feminista alternativo *Mulherio*, podemos registrar que havia, de forma positiva, um espaço destinado às análises e críticas a produções da grande imprensa, não apenas por esta proposta ser evidenciada desde o primeiro editorial, mas sim por se apresentar como uma preocupação recorrente no que tange à representação das mulheres nesses veículos de comunicação.

Ao nos depararmos, com o *Mulherio*, adaptado em um formato tecnológico tão recente, quanto o digitalizado, verificamos que seu conteúdo apresenta temas e debates em nada obsoletos; em outras palavras, tão atual quanto seu formato digital, é seu próprio conteúdo. Permeado por questões como estereótipos do comportamento e representação(ões) do(s) feminino(s), relações familiares, casamento, maternidade, controle de natalidade (métodos contraceptivos e aborto), sexualidade, erotismo, mercado de trabalho, reivindicações legislativas, educação e violência contra a mulher, que continuam a figurar a pauta feminista, na atualidade; frente a qual, temos uma multiplicidade de entendimentos do feminismo em si e de suas possíveis formas de atuação.

No momento em que esta pesquisa percorre, não pretendíamos abarcar uma quantificação de aspectos pontuais do jornal, dessa forma, diante da multiplicidade de temas (e problemas) que poderiam ser aqui abordados; não propusemos estabelecer, nesta etapa, uma descrição precisa das condições técnicas de produção, número de exemplares publicados

por edição, ou ainda, o alcance dessas publicações, no que diz respeito aos leitores e pontos de venda.

No *Mulherio* o cotidiano das mulheres foi diversas vezes pautado e, debater elementos constituintes dessas produções (da grande imprensa), fortemente presentes no dia a dia delas, se estabeleceu como uma forma de articular uma série de discussões feministas; de outra forma, esta proposta se apresentou com um traço transversal que atravessava (e conectava) diversas preocupações feministas a este cotidiano paralelo aos instrumentos de massificação veiculados diariamente pela mídia.

Seus artigos trouxeram consigo elementos de revistas e outras publicações femininas e masculinas, como ponto de ancoragem às reflexões feministas, comprometidas com o ideário do jornal. É nesta perspectiva que o *Mulherio* se desponha enquanto “alternativo”, no sentido de oferecer outros pontos de vista, sobre essa realidade.

É notável, que na construção dos textos, os autores das matérias não tratavam de estabelecer uma 2ª ou 3ª versão para determinado assunto reportado, mas sim propunham uma crítica aberta à abordagem realizada por veículos midiáticos de grande circulação aliado à recepção social destas versões ideológicas e, por vezes, reducionistas, superficiais e conservadoras.

Neste contexto, o *Mulherio* discutiu o jogo ideológico presente nas propagandas e programações televisionadas e questionou manipulação de informações favoráveis à manutenção das representações femininas em composições estereotipadas (relacionadas à fraqueza, passividade, emotividade e dependência), que às transformam em símbolos massificados, como objetos de inferioridade, sexualidade e maternidade; neste ponto, o jornal não contou com o objetivo de transformá-las em representantes da fortaleza, racionalidade, superioridade e independência (como poderiam sugerir as imagens opostas às aquelas), mas sim para enfatizar a necessidade de se questionar todas estas construções e propor às mulheres a manutenção de um olhar crítico e atento à sua realidade.

Referencias bibliográficas

AGUIAR, Flávio. *Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

AGUIAR, Neuma. Para uma revisão das Ciências Humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres. In: _____. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 9 - 26.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. O movimento feminista nas páginas dos jornais feministas do Brasil e da Argentina: Nós Mulheres, Mulherio e Persona em cena. In: FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. Anais... Florianópolis. 2008. Disponível em http://www.maismulheresnopoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/O_movimento_feminista_nas_paginas_%20dos_jornais_feministas_do_Brasil_e_da_Argentina_Nos_Mulheres_Mulherio_e_Persona_em_cena1.pdf. Acesso em 21 fev. 2012

CASADEI, Eliza Bachega. As questões de redistribuição e reconhecimento na imprensa feminista alternativa: o caso mulherio. *Revista Altejor*. São Paulo, vol.1, n. 00. Ago./dez. 2009. Disponível em http://www.usp.br/alterjor/Casadei_mulherio.pdf. Acesso em 20 Out. 2011

COLLING, Ana Maria. *As Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil*. 2004. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf. Acesso em 22 Abr. 2012.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. jan./jul. 2001. *Cadernos Pagu*. Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a02.pdf>. Acesso em 29 set. 2011

COSTA, Ana Alice Alcântara. “O movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção política”. In: In: PISCITELLI, Adriana et al. (Org.). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2007. p.51-81. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154563por.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2011

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Revista Projeto História*. São Paulo, dez. 2007, n. 35, p. 253-270.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2004, vol.24, n.47. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>. Acesso em 05 out. 2012.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o feminino e o masculino se cruzam. jan./jul. 2005. *Cadernos Pagu*. Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n24/n24a07.pdf>. Acesso em 05 out. 2011

KUCINSKI, Bernardo. Panorama da imprensa alternativa no Brasil. In: _____. *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2001. Disponível em: <http://www.nacorrenteza.jor.br/blog/wp-content/uploads/2012/02/jornalistas-e-revolucionarios-kucinski.pdf>. Acesso em 15 out. 2011

LOBO, Elizabeth Souza. O gênero da representação: movimentos de mulheres e representação no Brasil (1980 - 1990). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, out. 1991, v. 17, p. 7- 14.

MACHADO, Vanderlei. Esta faltando ela: A história da Resistência feminina ao Regime Militar nos livros didáticos de História. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 9., 2008, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2008. Disponível em: www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1208726223_ARQUIVO_EstafaltandoEla.pdf. Acesso em 25 Abr. 2012

OTTO, C. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. mai./ago. 2004. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12 n.2, p. 237-253.

PEDRO, Joana Maria. "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica". *História*, São Paulo: Unesp, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2012

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAGO, Margareth. O feminismo no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. *Labrys: Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 3, jan./jul. 2003. Disponível em <http://www.esnips.com/displayimage.php?pid=11276122>. Acesso em: 25 Abr. 2012.

SAFFIOTI, H. I B. Primórdios do conceito de gênero. set. 1999. *Cadernos Pagu*. Campinas. Disponível em: www.maismulheresnopoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/Primordios_do_Conceito_de_Genero.pdf. Acesso em: 06 out. 2011

SARTI, Cynthia. Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. mai./ago. 2004. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n.2, p. 35-50.

SINGER, P. O feminino e o feminismo. In: Paul Singer e Vinicius Caldeira Brant (org.). *O Povo em Movimento*. São Paulo, Petrópolis: Vozes, 1983, p. 109-141.

SOIHET, Rachel. A História das Mulheres e o Sujeito Universal. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 95-109

SOIHET, Rachel. A História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 399 - 429. Disponível em: www.4shared.com/document/DiSTF5Xr/Domnios_da_Histria.html. Acesso em 01 set 2011

TAMIÃO, J. S. *Escritas Feministas: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=161517. Acesso em: 30 set. 2011

Sites

Conteúdos especiais – Mulherio. In: Portal Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/index.html>. Acesso em: 06 out. 2011

Fontes primárias

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 00, mar./abr. 1981. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 20, jan./fev./mar. 1985. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 21, abr./mai./jun. 1985. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 22, jul./ago./set. 1985. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 23, out./nov./dez. 1985. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 24, jan./fev. 1986. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 25, mar./ago. 1986. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 26, set./nov. 1986. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 27, dez./fev. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 28, mar./abr. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 29, mai./jun. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 30, jul. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 31, ago. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 32, set. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 33, out. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 34, nov. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 35, dez. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 36, jan. 1988. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 37, fev. 1988. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 38, mar. 1988. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

MULHERIO. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 39, abr./mai. 1988. Disponível em <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em 07 Mai. 2012

Apêndice - quadro de análise do jornal Mulherio

Como parte da metodologia de pesquisa para o recorte proposto nesta análise, que compreendeu vinte edições publicadas do jornal Mulherio, entre de janeiro de 1985 e maio de 1988, organizamos um quadro para destacar e melhor estruturar os aspectos da fonte que seriam focados. Nove identificadores foram estabelecidos: *numeração para controle; edição; capa/destaque; título da matéria; tipo de matéria; conteúdo/tema; escrito por...; personagens; análise (observações)*.

Dessa forma, cada uma das vinte edições selecionadas e analisadas foi catalogada e os campos preenchidos com as seguintes informações, a saber:

- Numeração para controle: identifica, apenas para controle no processo de pesquisa, o número total de edições;
- Edição: apresenta os dados que identificam a fonte analisada de acordo com sua publicação, assim temos indicação de mês, ano, ano de publicação e número da edição;
- Capa/ Desteque: reproduz o título da matéria de destaque na primeira página do jornal;
- Título da Matéria: após toda a edição do jornal ser observada, verificamos a matéria relacionada ao recorte de análise proposto. Por vezes, o título vem acompanhado do título da seção do jornal a qual a matéria pertence, por exemplo: Tevê, Debate, Em movimento, etc.;
- Tipo de matéria: descreve de forma sintética, qual é a proposta da matéria, com o objetivo de diferenciar críticas, entrevistas, informes, entre outras abordagens;
- Conteúdo/Tema: dedica-se à definição dos temas tratados nas matérias pertinentes à análise objetivada. Os seguintes temas foram identificados, em comum (ou não), nas vinte edições selecionadas: classes sociais; comportamento feminino (estereótipos); comportamento social; feminino vs. feminismo; humor; imprensa / mídia; machismo; maternidade; nova constituinte; política; preconceito, publicidade; relações familiares / casamento; representação feminina; sexualidade / erotismo; televisão (educação); televisão (entrevistas); televisão (novelas); trabalho e; violência;

- Escrito por... : contempla os nomes das pessoas envolvidas na redação das matérias, dessa forma estão registrados os nomes dos autores e colaboradores com a identificação de suas profissões descritas no jornal, à época;
- Personagens: identifica as pessoas envolvidas no transcorrer dos artigos e reportagens, identificamos nomes de referências autorais citadas, pessoas envolvidas nos casos, emissoras, editoras, programas de televisão, produções da grande imprensa, artistas e, também nomes de personagens de obras fictícias;
- Análise (observações): abrange uma primeira proposta de análise às matérias selecionadas. Trata-se de comentários iniciais, abertos, que serviram de posterior norteador para a escrita do artigo.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
1	Janeiro/ Fevereiro/ Março 1985 Ano V número 20	A playboy ainda voa nas asas da PanAir	Unidas do Ar	Crítica à matéria da publicada pela Revista Playboy (dez. 1984) que apresentou dicas de <i>como paquerar uma aeromoça.</i>	> Machismo > Sexualidade/ Erotismo > Comportamento feminino (estereótipos) > Trabalho; > Preconceito; > Violência;	Ethel Leon, Ana Figueiredo, Avani Buzzo e Ruth Martins;	Leo Borges (autor da matéria na Playboy); Lúcia Lima (psicanalista/ comentários); Entrevistados: Ana Maria Vieira Silva (Comissária de Bordo); Francine Renée (Comissária de Bordo); João da Costa Neto (piloto); Maria Lúcia Grabowski (Comissária de Bordo)	A matéria procura explicar se há algum sentido psicológico por trás das "cantadas" masculinas. As entrevistas contam sobre a rotina da profissão (dificuldades para se manter neste regime de trabalho, vida pessoal / dupla jornada feminina, sindicalização, etc.). Ironiza a insistência dos homens brasileiros (sobretudo) em assediar aeromoças.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
2	Abril/ Maio/ Junho 1985 Ano V número 21	Década da Mulher - as brasileiras dizem o que mudou e o que vai mudar	NEGRAS: Sobrou a boa neginha na casa grande branca	Crítica as falas de personagens da novela Corpo a Corpo (Rede Globo), baseadas em preconceitos raciais e socioeconômicos; além da trajetória da personagem Sônia (Zezé Motta – mulher/negra/pobre) que herda, mas renuncia à riqueza para se tornar esposa de Claudio (Marcos Paulo – homem/branco/rico).	> Televisão (novelas); > Classes sociais; > Preconceito; > Comportamento feminino (estereótipos);	Leda Beck, colaboração de Regina Virgílio	Comentários de telespectadoras são questionados e acompanham a crítica: Sheila Barnabé de Carvalho; Bernadete Alvez; Maria Stela Lopes de Almeida; Nilce de Souza Alves	A matéria parte da fala da personagem Guiomar ("Eu, quando era pobre, Graças a Deus era branca!") para questionar o preconceito racial e social explícito e suas consequências quando apreendidas pelo grande público; mas o foco parte para a trajetória da personagem Sônia. Questiona a representação do casamento na novela como uma forma fantasiosa de amor (interracial) e a ideia de reforçar a simbologia da dominação (branco sobre o negro). Neste contexto essa matéria dá abertura a um debate presente na matéria seguinte: "Implacáveis Amores Negros e Brancos" - sobre casamentos interraciais.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
3	Julho/ Agosto/ Setembro 1985 Ano V número 22	Nairóbi. Terceiro Mundo, segundo sexo, primeira década	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Foca num possível balanço do fim da década da mulher. Fúlvia Rosemberg entrevista e critica a autora Colette Dowling e seu livro que se tornou Best seller "O complexo de Cinderela". Críticas, comentários e sinopses de livros são muitos e muito diversos nas edições por isso foram excluídos do recorte. Nesta edição não existem matérias que se relacionam objetivamente à pesquisa.
4	Outubro/ Novembro / Dezembro 1985 Ano V número 23	Nem Guerra. Nem Xixi - Paz nas Estrelas	Porcina em quatro laudas	Comenta a respeito da personagem de Porcina (Regina Duarte) na novela Roque Santeiro (Rede Globo)	> Televisão (novelas); >Comportamento feminino (estereótipos); > Relações Familiares / Casamento;	Roberto da Matta (Prof. de antropologia do Museu Nacional - UFRJ)	Rede Globo. Dias Gomes (autor da novela); Regina Duarte (atriz);	A matéria comenta a conduta da personagem para destacar seu modo independente, para além dos binários (santa/puta) que caracteriza as demais personagens. Isso é considerado, pelo professor, de certa forma como algo positivo, contudo ele considera que é previsível o fim da personagem que será a "domesticação" uma vez que perante o público e o escritor

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
								da novela, o positivo seria o casamento e sua transformação numa mulher passiva e submissa.
5	Janeiro/ Fevereiro 1986 Ano VI número 24	Vasectomia – O congelamento da prole com sexo sem tabela	TV – E a globo volta às múltiplas caras	Comenta as personagens de Regina Duarte nas novelas Selva de Pedra (Janete Clair) e Roque Santeiro (Dias Gomes) exibidas pela Rede Globo.	> Televisão (novelas); >Comportamento feminino (estereótipos); > Relações Familiares / Casamento;	Marília Martins (Jornalista. Colaboradora das Revista Istoé e Jornal do Brasil)	Rede Globo; Dias Gomes (autor); Janete Clair (autora); Regina Duarte (atriz);	A matéria afirma que as personagens que sofrem transformações em sua personalidade (deixando de lado a passividade e a dependência, para se tornarem independentes e ativas - ou vice-versa) ajudam a superar e a questionar os estereótipos das protagonistas estancas com que as telenovelas trabalham habitualmente

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
6	Março/ Agosto 1986 Ano VI número 25	Por uma constituinte e desconstituente (de machismo, da desigualdade, dos preconceitos)	Debate – 1986: Início da década masculinista	Transcrição com algumas alterações do Manifesto Masculinista Nordeste. Publicado anteriormente no jornal O Pasquim	> Humor;	Transcrição do Jornal o Pasquim	Marcelo Mário de Mello, autor do texto original.	No mesmo tom de ironia a revista transcreve o texto publicado no Pasquim. Partindo da ideia de "masculinismo" é a palavra apontaria o caminho da masculinidade sem machismo. O autor satiriza os padrões que envolvem a condição humano-masculina se mostrando contra o terror machista.
7	Setembro/ Novembro 1986 Ano VI número 26	Constituinte: viva a diferença	Casamento em Revista: universidade casa com imprensa e gera pânico e revolta	Crítica a publicação de pesquisa realizada pelas universidades de Harvard e Yale na revista News Week (jun/1986), intitulada: <i>Os padrões de casamento nos EUA.</i>	> Trabalho; > Relações familiares/ Casamento; > Trabalho > Maternidade;	Cristina Mucci (jornalista/pesquisadora da revista Veja)	Revista News Week; Universidades de Harvard e Yale; Jornal The Washington Post;	A matéria critica pesquisa, pois esta procura inculcar nas mulheres a censura pela escolha pela estabilidade econômica e profissional antes de se dedicarem a um casamento e à maternidade. De outra forma, a pesquisa se limita a sugerir que mulheres acima dos 30 anos têm probabilidade abaixo dos 10% de se casarem e formarem família.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
7			IMPRESA – Mulher não é pauta de jornal. Na política elas não são notícia. Cuidar, função das mulheres	Crítica a ausência da mulher na mídia sobretudo, como sujeito político; propõe que isso seja repensado.	> Imprensa / Mídia; > Política; > Machismo;	Anna Verônica Mautner (psicanalista) e Silvia Campolim (jornalista)	Cita: Beth Mendes (candidata à vice prefeitura de Orestes Quércia)	A matéria parte da forma como a vice candidatura de Beth Mendes está sendo divulgada para propor que a ausência da mulher na mídia seja repensada e pensada para além da resposta simplista que culpabiliza a permanência de uma imprensa machista. Baseado nas idéias de Anna Verônica (psicanalista uma das autoras da matéria) propõe-se que se comesse a pensar essa ausência como "um fenômeno inconsciente coletivo muito forte impedindo a ascensão das mulheres." Medo de que se essa ascensão ocorresse não haveria mulheres para cumprir sua "função tradicional", o cuidar, restado à humanidade o abandono.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
8	Dezembro / Fevereiro 1987 Ano VII número 27	Mulheres: a nova cara da Constituinte	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Interessante crítica a ausência da mulher indígena nos livros didáticos. Artigo de Branca Moreira Alves sobre a História do Feminismo. Nesta edição não existem matérias que se relacionam objetivamente à pesquisa.
9	Março/ Abril 1987 Ano VII número 28	O cerco continua	EM MOVIMENTO – Ligue a TV. As Mulheres estão lá	Informativo que divulga o Programa "Feminino Plural" do Conselho Estadual da Condição Feminina (SP) produzido em conjunto com a Rádio e Televisão Cultura (RTC) e Olhar Eletrônico Produtora	> Imprensa / Mídia; > Televisão (educação);	Assinado S.S	Jacira Melo (roteirista); Aizita Nascimento (resp. introdução didática); RTC – Rádio e Televisão Cultura; Conselho Estadual da Condição Feminina (SP); Olhar Eletrônico Produtora	Divulgação de um programa (apresentado nas tardes de domingos) que traz uma proposta diferenciada e educativa. Ainda sem retorno da audiência o programa trata de assuntos como planejamento familiar, trabalho, saúde, sexualidade e violência.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
9			EM MOVIMENTO – A nudez bate record	Crítica aos comentários do Editor da Revista Playboy (Mário de Andrade) a respeito da edição, recorde de vendas, com fotografias da atriz Maitê Proença.	> Machismo; > Sexualidade / Erotismo; > Violência;	Matéria não assinada.	Maitê Proença; Mário de Andrade (Editor da revista Playboy);	A crítica se restringe a questionar a transformação da mulher e objeto, partindo dos comentários do editor da revista e do próprio conteúdo; este que pretende trazer uma biografia da atriz mas que oculta a trajetória e um drama importantes de sua vida: "o pai de Maitê foi acusado de matar sua mãe em "legítima defesa da honra"."

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
10	Maio/Junho 1987 Ano VII número 29	Juquery – Os subsídios da loucura feminina	O imaginário feminino na novela das seis	Comenta a novela Direito de Amar (Rede Globo). O jornal constata o esforço em das autoras para dar um tom feminista à novela mas considerando este um como um aspecto positivo. Que reflete em alguns personagens.	> Televisão (novelas); >Comportamento feminino (estereótipos); > Feminino vs. Feminismo; > Representação feminina	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Rede globo, Janete Clair (autora). Novela: Direito de Amar.	Partindo de comentários a respeito das "novelas das 6" e seu histórico recheado de ideologias. A matéria enfatiza o que seria um aspecto positivo da apresentação de personagens femininos que ao longo de uma telenovela "se transformam", passam a lutar por objetivos maiores e neste trajeto quebram paradigmas sociais e se libertam de casamentos, da submissão à figura paterna e a passividade perante a vida. "No entanto, uma novela feminina não é necessariamente feminista."

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
10			DEBATE – Revista Femininas: com modelos sem feminismo	Sobre debate: Jornalismo Feminino e Feminismo que aconteceu na "Epopéia Editorial – Uma história de informação e Cultura" (MASP - Abr/1987)	> Imprensa / Mídia; > Feminino vs. Feminismo; > Representação feminina;	Assinado S.S	Marta Suplicy (psicóloga); Fátima Ali (Editora da Revista NOVA); Maria Cristina Duarte (Editora da Revista Claudia); Célia Pardi (Editora da Revista Capricho). Cita estudos de Cynthia Sarti e Maria Quartim de Moraes. Cita coluna de Carmen Silva ("A arte de ser mulher") da Revista Claudia, que depois de sua saída passou a se chamar "Feminismo" e ser comandada por Rachel Gutierrez	O saldo desse debate acabou colocando o Feminismo contra o Feminino. Neste recorte percebemos a defesa do feminismo destacando as críticas feitas às revistas femininas que propõem (impõem) às mulheres a necessidade de serem perfeitas como esposas, trabalhadoras, mães; serem modelos ideais.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
11	Julho 1987 Ano VII número 30	Aborto – mobilizaçã o ou retrocesso	Tevê – O jogo das imagens	Bumbuns masculinos "usados" pela publicidade no Brasil	> Publicidade; > Sexualidade / Erotismo; > Representação Feminina;	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Sem indicações	Comenta que a ambivalência dessa parte do corpo é explorada pela publicidade de forma a chamar atenção de ambos os gêneros. Curiosamente fica um convite para que as mulheres explorem a idéia de voyeurismo, antes permitido e provocado apenas nos homens. Estruturalmente Marina trata de: consumo, publicidade, mulher, modernidade vs. tradição, tempo, administração do mundo doméstico, gerenciamento financeiro, cosméticos, beleza e narcisismo; faz um recorte histórico das representações da mulher na publicidade de um modo geral. Podemos destacar: "a publicidade vem refletindo as mudanças socioeconômicas e os diferentes valores e psiquismos sociais dos indivíduos".

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
12	Agosto 1987 Ano VII número 31	Meio Ambiente – a vida sob ataque	Comportamento: o que mudou?	Comparativo entre pesquisas (de 1960 e 1980) sobre o comportamento o feminino e masculino	>Comportamento feminino (estereótipos); > Sexualidade / Erotismo; > Trabalho; > Nova Constituinte;	Fatima Jordão (pesquisadora e conselheira do Cons. Estadual da Condição Feminina)	Sem indicações	É por meio do que foi publicado no Jornal do Brasil (pesquisa do Inst. IBOPE), O globo (Inst. Gallup) e na Revista Realidade que o jornal mulhero traça comparativos entre mudança no comportamento de mulheres e homens especialmente ligados à sexualidade, coloca as questões que fazem referência ao aborto e sua legalização pela nova constituinte como centrais na matéria.
12			Movimento – O olhar feminino	Informativo que comenta a estréia do Programa "Olhar Feminino" (julho/1987) exibido na Rádio e Televisão Cultura (RTC)	> Imprensa / Mídia;	Matéria não assinada.	Marisa Orth e Pedro Pianzo (apresentadores do programa); Ninho de Moraes (jornalista e cineasta responsável)	Comenta que o formato inovador de apresentação é dinâmico e abordam temas como violência urbana, ciúmes, relações familiares de forma menos tradicional. Trata-se de uma nota mesmo para divulgar o programa ainda que ele não tenha uma periodicidade definida.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
13	Setembro 1987 Ano VII número 32	Chega de Discriminação	Tevê – Novela à romance noir	Comenta a novela Corpo Santo (Rede Manchete). Numa análise e críticas simples que faz a autora da matéria caracterizá-la como noir, mas medíocre.	> Televisão (novelas); > Violência; > Comportamento feminino (estereótipos); > Feminino vs. Feminismo; > Representação feminina	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Cristiane Torloni (personagem Simone - citada porém se relevância destacada)	Marina defende que a "atmosfera" da gravação da novela, o ritmo e a dinâmica das imagens (narrativa + enredo) são características de um noir medíocre. Não traz críticas relevantes, mas comenta (como se de certa forma fosse algo positivo) o fato da novela tratar de violência contra mulher sob diversos aspectos (sexual, doméstica, policial, pública); comenta alguns estereótipos da novela como a postura maniqueísta simplista.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
14	Outubro 1987 Ano VII número 33	Adélia Prado	Os estupradores que viraram heróis	Subtítulo destaca o tom da matéria: Henrique, Fernando, Eduardo e Alexi, quatro jogadores do Grêmio acusados de estupro de uma menina de 13 anos na Suíça, foram transformados pela imprensa Gaúcha em "heróis", graças a uma série de deturpações dos fatos e do culto ao machismo	> Imprensa / Mídia; > Machismo; > Violência; > Sexualidade / Erotismo; > Comportamento feminino (estereótipos); > Preconceito; > Representação feminina	Miriam Grossi (antropóloga e professora) e Carmem Rial (jornalista, antropóloga e professora)	Jogadores do grêmio: Henrique Etges, Fernando Castoldi, Eduardo Hamester e Alexi Stival; Outros jogadores citados: Valdo e Tafarel; Menina envolvida: Sandra Pfäffi; Advogado: Silvera Martins; Cronistas e jornalistas a favor dos acusados: Paulo Santana e Lauro Quadros; Mãe de Eduardo (depoimento); Citados: Jornal Zero Hora, Jornal Nacional, Correio do Povo, RBS	O fato abordado, sobre o qual o Mulherio deixa claro ser inquestionavelmente considerado um crime de estupro, aconteceu em Berna (Suíça) 30 de julho de 1987; entretanto, está impresso canto superior direito da primeira página da matéria uma fotografia de torcedores grêmio na recepção dos quatro jogadores envolvidos no caso. A fotografia, nos mostra torcedores eufóricos pelo retorno, daqueles que aqui já estavam sendo considerados, segundo a matéria, heróis; além desta, a matéria apresenta duas outras fotografias (uma dos próprios jogadores e outra da mãe de um deles enquanto entrevistada por um jornalista) e uma charge, que fecha a última página e evidencia o ponto de vista tragicômico de todo o desenrolar dos fatos na mídia.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
14			TeVê – Hebe Camargo porta-voz da classe média	Roda viva da TV cultura propõe entendimento da personagem “Hebe” defensora os valores e estereótipos da classe média.	> Televisão (Entrevistas) > Classes sociais; > Comportamento feminino (estereótipos);	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Hebe Camargo; Revista Afinal; Paulo Maluf; (TV Cultura) Programa Roda Viva	Crítica ao programa roda viva. Marina discorda da imagem de matrona vinculada à apresentadora e que por vezes se liga às imagens de dona de casa/ esposa / mãe / mulher inculta (pouco intelectualizada) de forma proposital. Aponta que juntamente com a Hebe, o político Paulo Maluf, se posiciona com um discurso que se compadece pelos pobres enquanto portadores de uma ideologia da classe média que se mostra insatisfeita com o governo pós-golpe.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
15	Novembro 1987 Ano VII número 34	Mulher da vida, é preciso falar. As prostitutas põem a boca no mundo	Cinema & Têvê – Incesto: o novo marketing das novelas	Crítica à rede globo e à sua programação novelística, a escritora analisa as abordagens do incesto em uma sequência de novelas da emissora.	>Televisão (novelas); >Sexualidade/ Erotismo; > Relações Familiares/ Casamento;	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Barthes; Freud; Agnaldo Silva (autor de novela); Dias Gomes (autor de novela). Rede Globo, Rede Manchete. Personagens de novelas: Laura e João Silvério, Zezinha e Pedro Ernesto; Glorinha e Paulo; Vera e Creonte. Novelas: O Outro; Helena; Mandala (escrita por Dias Gomes)	Marina acredita que as novelas estavam partindo de uma (abordagem mais sutil do incesto) à outra (com uma abordagem mais objetiva e intensa) a emissora dribla a censura. A socióloga, nesta análise, critica o que considera uma fraca tentativa de abordar temas por um viés psicanalítico, de outra forma, critica a tentativa de inserir um tema complexo da psicologia e da filosofia para engrandecer a trama de suas novelas. Ela analisa o fato de uma novela abrir as portas para a seguinte, e toda a programação estabelecer paralelos entre os temas das novelas. Não trata da figura feminina, mas faz uma crítica à Rede Globo. Que promove uma massificação e criação de estereótipos da psicanálise, de uma forma superficial a serviço de sua ideologia.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
16	Dezembro 1987 Ano VII número 35	Amor Bandido	Cinema & Tevê – Tudo o que você gostaria de saber sobre a Telenovela	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Fala sobre o livro “Telenovela brasileira – memória”, de Ismael Fernandes. Marina Heck fez uma curta resenha do livro, sob uma perspectiva positiva, a autora pontua os itens que lhe chamaram atenção, elogia a publicação enquanto um importante esforço de preservação da memória das telenovelas brasileiras. Interessante: o Jornal abrigou uma série de matérias chamada “Memória de mulheres contada em livros”. Críticas, comentários e sinopses de livros são muitos e muito diversos nas edições por isso foram excluídos do recorte.
17	Janeiro 1988 Ano VIII número 36	Figa Brasil. Nasce um novo sonho com Gilberto Gil	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Nesta edição não existem matérias que se relacionam objetivamente à pesquisa.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
18	Fevereiro 1988 Ano VIII número 37	Sexo	TV – Uma Jocasta, freudiana por excelência	Crítica à novela Mandala, a escritora analisa como o conceito do incesto está sendo tratado pelo escritor da novela, que se tratava de uma tentativa de adaptação da tragédia grega Édipo Rei.	>Televisão (novelas); >Sexualidade/ Erotismo; > Relações Familiares/ Casamento;	Marina M. Heck (socióloga e urbanista)	Freud; Dias Gomes (autor de novela). Rede Globo. Personagens de novelas: Laura e João Silvério, Zezinha e Pedro Ernesto; Glorinha e Paulo; Vera e Creonte. Novela: Mandala (escrita por Dias Gomes)	A autora critica a forma como a novela abordou a questão do incesto, disfarçada de uma adaptação da tragédia grega Édipo Rei. A autora, entretanto ressalta que os personagens não foram construídos de forma crítica, e ressalta também nesta matéria (como fez na edição 34) que considera uma fraca tentativa de abordar temas por um viés psicanalítico, de outra forma, critica a tentativa de inserir um tema complexo da psicologia e da filosofia para engrandecer a trama de suas novelas. Da mesma forma como ocorreu naquela edição, esta matéria não aborda diretamente uma visão a respeito da imagem feminina, a não ser por citar a fragilidade da construção da personagem Jocasta.

Num. para controle	Edição	Capa / Destaque	Título da Matéria	Tipo de Matéria	Conteúdo / Tema	Escrito por...	Personagens	Análise [observações]
19	Março 1988 Ano VIII número 38	Mídia - Não entre nessa onda	Big Brother: muito além de 1984	Abrange entrevistas e diferentes pontos de vista a respeito da mídia.	> Televisão (Entrevistas) > Classes sociais; > Comportamento feminino (estereótipos); > Preconceito; > Representação feminina > Imprensa / Mídia;	Rita Moreira (jornalista e produtora de VT)	Sem indicações	Esta matéria, ainda que não trate especificamente da imagem da mulher na mídia, é um interessante aglomerado de opiniões a respeito da mídia como um todo. Questões diversas são trazidas para o debate. Proposta muito rica, entretanto muito ampla.
20	Abril/ Maio 1988 Ano VIII número 39	Negros: a igreja pede perdão, mas não confessa pecados...	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Nesta edição não existem matérias que se relacionam objetivamente à pesquisa.